

LITERATURA POPULAR E ENSINO: TRABALHANDO CONTO E RECONTO EM SALA DE AULA

Maria Adriana Leite ALVES¹

Escola de Ensino Fundamental e Médio Alda Férrer Augusto Dutra – EEFMAFAD
adriana_lavras@outlook.com

RESUMO: O objetivo deste artigo se limita a mostrar como aconteceu o contar e o recontar das narrativas levantadas na cidade de Lavras da Mangabeira-CE para análise da variação linguística, especificamente dos processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias, nas narrativas populares. Trata-se de um recorte da dissertação fundamentada na Sociolinguística Laboviana ou Quantitativa. Para este artigo, partimos do espaço no qual a pesquisa foi desenvolvida, traçamos o perfil dos contadores e os momentos de interação, até chegar ao ponto máximo que foi a contação das histórias e suas análises.

PALAVRAS-CHAVE: Conto popular. Ensino. Contação.

POPULAR LITERATURE AND TEACHING: WORKING TELL AND RECONTO IN CLASSROOM

ABSTRACT: The purpose of this article is limited to show how the counting and retelling of the narratives raised happened in the city of Lavras da Mangabeira -CE for analysis of the linguistic variation, specifically of the phonological processes of monotongation and elevation of the medium vowels, in popular narratives. It is a cut of the dissertation based on the Labovian or Quantitative Sociolinguistics. For this article, we started from the space in which the research was developed, tracing the profile of the counters and the moments of interaction, until reaching the maximum point which was the storytelling and analysis.

KEY WORDS: Popular story. Teaching. Account.

1 INTRODUÇÃO

A literatura popular tão rica em cultura, conhecimento e saber é disseminada através das gerações. Faz parte da tradição popular, das conversas à noite nos terreiros das casas, das lições transmitidas às crianças, como forma de ensiná-las sobre o bem e o mal. Representam assim a memória social de uma comunidade, guardadas e transmitidas com alterações, pelo povo, como verdades universais. Por muito tempo, essa literatura ficou renegada a segundo plano, quando o assunto era educação formal, justamente porque essas

¹ Mestre pelo PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras). Professora de Língua Portuguesa na Educação Básica da Escola Alda Férrer Augusto Dutra em Lavras da Mangabeira-CE

narrativas se originam da oralidade. NO entanto, as narrativas populares estão ganhando maior espaço e sendo difundidas, inclusive, pelas novas tecnologias.

Vale salientar que, mesmo com o conto exposto virtualmente, o importante é que é a memória e a imaginação das pessoas continuam cada vez mais aguçadas e criativas, pois não perdemos, nem perderemos o prazer de contar, ouvir/ler histórias que marcam a nossa cultura, os nossos costumes; histórias contadas que veiculam saberes da condição humana, o saber popular, refletem sentimentos típicos do ser humano, que vêm à tona ao ouvirmos as narrativas populares. São crenças compartilhadas, valores do imaginário coletivo que mostram uma visão do mundo e que são significativos para a cultura de qualquer comunidade.

Não há uma única e correta forma de transmitir as histórias, a cada fala vai se acrescentando as visões de mundo do seu contador e isso torna os contos ainda mais ricos em detalhes e emoção ao serem repassados, mas, se nós, enquanto compartilhadores do conhecimento, não abrirmos espaços em sala de aula para essas narrativas, deixaremos de viver o prazer de utilizar esse rico universo linguístico.

São muitos os universos de exploração dos contos populares. Para a dissertação que originou este artigo, foi explorada a variação linguística, especificamente dos processos fonológicos de monotongação e alçamento das vogais médias. No entanto, o objetivo deste artigo se limita a mostrar como aconteceu o contar e o recontar das narrativas levantadas.

Para este trabalho, partimos do espaço no qual a pesquisa seria desenvolvida; traçamos o perfil dos contadores e os momentos de interação, além de chegar ao ponto máximo, que foi a contação das histórias e suas análises.

Para a dissertação, resolvemos levantar contos na comunidade de Lavras da Mangabeira-CE. A pesquisa apresentou dois momentos: o primeiro é o do conto, cujos

colaboradores são os contadores da comunidade; o segundo momento, é o do reconto, cujos colaboradores são os alunos.

Muitos dos contadores e contadoras de histórias não tiveram acesso à educação formal, pouco lhes convêm transcrever tais contos, o que lhes interessa é continuar contando suas narrativas, em conversas noturnas nas calçadas ou nos terreiros da zona rural, para entreter as crianças, adultos ou pessoas interessadas em pesquisar tais histórias.

Então, nada mais apropriado do que nós, enquanto professores de Língua portuguesa, pesquisarmos tais narrativas populares e as levarmos para a sala de aula, pois temos um leque de possibilidades para efetuarmos um trabalho língua envolto por uma técnica de conhecimento dos alunos: a contação de histórias.

Assim, este artigo, além de apresentar parte de uma pesquisa, vem para sugerir mais uma metodologia de ensino a ser aplicada em sala de aula, como forma de dinamizar as aulas e inserir o aluno no seu contexto sociocultural.

Este artigo está estruturado em cinco partes. A primeira discorre sobre o conceito de conto; a segunda sobre o *locus* de pesquisa; a terceira sobre o contador e o seu papel na contação de histórias; o quarto sobre o reconto em sala de aula e, por último, as considerações finais.

2 CONTO: VERDADE OU IMAGINAÇÃO?

O conto é uma narrativa curta. Muitas vezes é esta a definição imediata que se tem dessas narrativas. Ao longo dos anos, segundo Gotlib (2004), muitos autores/escritores conceituaram o conto como gênero de prosa de ficção, história inventada ou narrativa folclórica, porém, nenhum desses conceitos consegue abranger a sua dimensão. Quanto à origem, conforme Massaud Moisés (2006), esta também não é precisa, a história do conto

mergulha num remoto passado, difícil de precisar, suscitando, por isso, toda sorte de especulações.

A palavra conto tem sua origem no latim (*computare*) que primeiramente significava “enumeração”, depois, com a evolução da palavra, passou a ser acontecimento. Para Júlio Cesares, de acordo com Gotlib (2004, p. 11), o termo possui três acepções: “1. Relato de um acontecimento; 2. Narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. Fábula que se conta às crianças para diverti-las”. Em sua forma oral, o conto remonta de, aproximadamente, 4.000 anos antes de cristo, estando presente no “caso” narrado em torno de fogueiras, junto aos trabalhadores rurais dos povos primitivos. Gotlib (2006, p. 6) informa que “embora o início do *contar história* seja impossível de se localizar e permaneça como hipótese que nos leva aos tempos remotíssimos, ainda não marcados pela tradição escrita, há fases de evolução dos modos de se contarem estórias”.

O Brasil é um país rico em cultura, pois foi construído por povos heterogêneos, pessoas que vieram de várias partes do mundo e aqui se instalaram, portanto, “a literatura oral se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para memória e uso do povo atual” (CASCUDO, 2006, p. 27), a indígena, portuguesa e a africana. E nesta cultura estão presentes os contos populares que, para muitos, não passam de histórias fantasiosas e para outros estas estão entrelaçadas de fatos verdadeiros, pois o conto “não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele realidade e ficção não têm limites precisos” (GOTLIB, 2004, p. 12).

Cada região possui as suas próprias narrativas históricas, algumas chegam a transpor as barreiras geográficas e históricas e tornam-se conhecidas por pessoas fora do seu contexto local; quem nunca ouviu falar em nosso país, por exemplo, do Curupira, do Saci Pererê, da Iara, Caipora, Negrinho do Pastoreio entre tantos outros personagens folclóricos, mesmo sendo narrativas de diferentes regiões do país.

Dessa forma, cabe a cada pessoa decidir se as histórias ouvidas na infância ou até mesmo nos dias atuais são verdades ou mera imaginação. O importante é perpetuar tais histórias que animaram e serviram de ensinamentos para tantas crianças.

3 LAVRAS DA MANGABEIRA: ENTRE UM CONTAR E OUTRO

Parafraseando Câmara Cascudo (1984), é por ter debaixo dos pés da alma, a areia de minha terra, e para resistir aos atritos da viagem da vida, que quero colorir minha cidade, dá-lhe cheiro e gosto, além de torná-la conhecida. Sendo assim, Lavras da Mangabeira é a cidade escolhida para fazer parte desta pesquisa, sendo detentora de grandes personagens e feitos históricos e, ainda, de ser cenários de importantes narrativas populares. Então, vamos, de início, saber mais sobre este lugar:

Lavras da Mangabeira é uma cidade interiorana do Estado do Ceará que, segundo dados do Censo (2010), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)², possui população estimada de 31.090 habitantes, distribuídos por seus cinco distritos: Quitaiús, Arrojado, Iborepi, Amaniutuba e Mangabeira. O município surgiu em meados do século dezoito, por meio da mineração do vale do cariri que se instalou na região, daí a origem do seu nome “lavra” que advém do ouro. Mangabeira era o lugar em que se instalaram para que o trabalho de mineração fosse desenvolvido na região. O nome Mangabeira já era usado pelos primeiros habitantes do vilarejo, não sendo a sua origem revelada nos documentos do município. No entanto, o primeiro nome dado à cidade através de Resolução Régia de 30/08/1983 é o de São Vicente Férrer de Lavras da Mangabeira, padroeiro do município.

A cidade é conhecida por ser acolhedora e ter, dentre seus moradores, pessoas humildes e simples, filhos ilustres reconhecidos nacional e internacionalmente, além de

² Informações disponíveis em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=230750>>. Acesso em: 05 julh. 2016, às 12h47min.

possuir uma Academia Lavrense de Letras, por tão considerável número de escritores nascidos ali.

Dentre esses filhos ilustres, destacamos, conforme livro *Lavrenses Ilustres*³, do escritor Dimas Macêdo: Raimundo Pinheiro Pedrosa, popularmente conhecido como Bruno Pedrosa, monge beneditino e pintor de renome internacional. Pedrosa licenciou-se pela Escola Nacional de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, aperfeiçoou a sua formação na França e na Inglaterra e reside há mais de trinta anos na Itália, onde desenvolve trabalhos com a arte; Raimundo Nonato de Oliveira, alcunhado por Nonato Luiz, considerado um dos maiores violinistas do mundo, frequentou o Instituto Villa Lobos, autor de mais de quinhentas músicas instrumentais e centenas de composições populares, tendo gravado CDs na Europa e aqui no Brasil. Salientamos que estes dois artistas ainda se encontram em pleno gozo da vida.

Enumeremos ainda Fideralina Correia de Amora Maciel, que tem como nome artístico Sinhá D'Amora, artista de alto nível, tendo cursado a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, graduou-se pela Academia de Belas Artes de Florença, na Itália. Suas obras, por suas suntuosidades, foram alvo de exposição em vários estados brasileiros e também no exterior, inclusive, a autora Rachel de Queiroz prefaciou o livro em homenagem aos quarenta anos de vida artística de Sinhá D'Amora e a aclamou pelos seus feitos artísticos. Temos ainda, para terminarmos este breve destaque de ilustres lavrenses, Ermeson Monteiro Lacerda, artista plástico, escritor e cineasta, colaborador de diversos jornais, sendo considerado um dos maiores intelectuais do Cariri; e por fim, Joaquim Lôbo de Macêdo (JOARYVAR MACÊDO), historiador no Ceará, com maior expressão no campo dos estudos genealógicos, sendo diversas vezes condecorado por mérito; além de

³ Desse livro, extraímos todas as informações referentes às pessoas que se destacaram na história da cidade de Lavras da Mangabeira-CE. Çara maiores informações ou para conhecer outros nomes aqui não divulgados, consultar a bibliografia: MACEDO, Dimas. **Lavrenses Ilustres**. 3. ed., revista e corrigida. Fortaleza: RDS, 2012.

fazer parte de sua bibliografia, grande produção em jornais e revistas do Ceará e de outros estados.

Com tão rica gama de intelectuais, seja no mundo artístico, religioso ou político, o município de Lavras da Mangabeira-CE está situado a 434 km da capital do estado, Fortaleza, e é considerado, também, o berço de uma das mais tradicionais famílias cearenses. A família teve como matriarca Fideralina Augusto Lima, mulher destemida e revolucionária para seu tempo, conforme descreve o escritor Dimas Macêdo:

[...] um espírito famanaz, uma das maiores simbologias do mandonismo e uma das grandes expressões políticas do Ceará em todos os tempos. Apesar de jamais ter vivido fora do seu município de origem, sua fama correu mundos (2012, p. 31).

O papel que esta mulher desenvolveu na sua época foi de grande importância, lembrando que naquele tempo as mulheres se dedicavam, quase que exclusivamente, aos filhos e aos afazeres domésticos. No entanto, Fideralina rompe os paradigmas de sua geração, embora tenha tido se casado e tido filhos, exerceu domínio sobre grande parte do Nordeste. Há inúmeros historiadores e pesquisadores que relatam os fatos históricos de Fideralina, inclusive a cearense e escritora renomada Rachel de Queiroz publicou um artigo na revista *O Cruzeiro*, onde ressaltou a fama da “dona do Nordeste”. Segundo Raquel (1992), Fideralina era uma rainha sem coroa. A escritora vai mais além e inspirada na vida de Fideralina publica a sua obra-prima *Memorial de Maria Moura*.

Voltando o olhar para o aspecto físico da cidade de Lavras, vale destacar que nela há um centro com casas do século passado e repleto por paisagens naturais, tendo como ponto principal a serra do Boqueirão. Boqueirão é o nome dado a uma serra entrecortada pelo Rio Salgado, onde tem uma gruta conhecida na região por sua famosa lenda: a da princesa encantada com seu carneiro de ouro. Em tal espaço, conforme descreve o

professor Doutor João Tavares Calixto Júnior (2012), já pisou o poeta romântico Gonçalves Dias que, em 1860, esteve neste lugarejo, como etnográfico e narrador de viagem da Comissão Científica da Exploração. Antes mesmo desta data, os moradores locais já contavam suas histórias, e estas foram sendo transmitidas de geração em geração, por meio da oralidade, fazendo parte do acervo histórico local.

Foi neste espaço que conversamos com vinte e sete contadores, todos moradores nativos da cidade, sendo doze contadores do sexo feminino e quinze do sexo masculino, com idade entre vinte e noventa anos, com níveis de escolaridade entre analfabeto e nível superior, os quais narraram lindas e emocionantes narrativas.

4 QUEM CONTA UM CONTO

Durante a contação de histórias, pudemos comprovar a importância do contador no ofício do contar: rememora histórias, compartilha com os demais a sua sabedoria, o seu conhecimento e deixa a sua marca no texto, escrito ou oral.

Nesse sentido, podemos afirmar que “a arte do contador consiste antes de tudo em produzir uma versão pessoal dos fatos que ele conta, é uma arte testemunhal” (HINDÉNOCH apud PATRINI, 2005, p.74), mesmo que se conte uma mesma história, ela vai carregar consigo as marcas individuais do contador. Assim, a cada novo contar poderá ser acrescido ou omitido alguma parte, a depender do sujeito que conta, do espaço onde circula a rememoração e do tempo em que está sendo narrada a história, uma vez que, “[...] mesmo se tratando de um contador tradicional, não podemos descartar a noção de jogo, pois no que se refere à arte de contar, algo sempre será compartilhado com um público [...]” (PATRINI, 2005, p. 108).

O jogo de que a autora fala se refere ao ato de contar oralmente, adequando-se ao propósito comunicativo do momento. A voz do contador, as impressões vivenciadas por

ele, podem interferir na história e na forma de contar. Esse artista do povo adequa até mesmo a sua linguagem, dependendo do espaço, palco da contação. Nas palavras de Gotlib,

A voz do contador, seja oral, ou seja, escrita, sempre pode interferir no seu discurso. Há todo um repertório no modo de contar e nos detalhes do modo como se conta – entonação de voz, gestos, olhares, ou mesmo algumas palavras e sugestões -, que é passível de ser elaborado pelo contador, neste trabalho de conquistar e manter a atenção do seu auditório (2004, p.13).

Por meio do contar, o contador nos levar a participar de aventuras fantásticas, de histórias maravilhosas, transporta-nos para um passado distante, faz-nos personagens do seu conto, partilha conosco as suas memórias. É “convocar imagens e ideias de sua lembrança, misturando-as às convenções contextuais e verbais de seu grupo, para adaptá-las segundo o ponto de vista cultural e ideológico de sua comunidade” (PATRINI, 2005, p.106).

De acordo com Leal, “O conto popular é uma expressão que pertence a este contexto de sonho e fantasia, de magia e de mistério; ele é parte da fala do povo, um canto harmonioso dirigido ao mistério das coisas” (LEAL, 1985, p. 12). Bons tempos são vividos e experimentados por pessoas que tiveram esse sonho e podem compartilhar essa magia com outras pessoas, aquelas histórias ouvidas e vividas, aqueles contadores que jamais serão esquecidos, pois fazem parte do mundo de muitas crianças, de muitos adultos, das suas alegrias e frustrações.

Além disso, qualquer pessoa pode ser um contador de histórias. Aliás, “o que é preciso para ser contador? Com certeza, ‘é necessário ter tempo para sonhar os contos’, isto é, ruminá-los interiormente, mas também é preciso ter a oportunidade de praticá-los, senão podem ser esquecidos” (SIMONSEN, 1987, p. 29). E lutamos, através de nossa pesquisa, para que estes atos de encantamento não se percam no tempo.

Relacionamos teoria à prática e comprovamos como é diferente o contar de pessoa a pessoa. Algumas delas possuem uma retórica e uma desenvoltura trabalhadas por já terem contado inúmeras vezes essas histórias, e lidam com facilidade com as entrevistas, conseguindo narrar as histórias com todos os seus pormenores, enquanto outras se acanham com a presença do gravador e do entrevistador e tentam ser outra pessoa, procuram certo “requisite” na linguagem, sentem vergonha, muitas vezes, da sua própria forma de comunicação e ficam paralisadas, não conseguem transmitir todo o texto. E assim, a identidade do contador se reafirma naquele momento.

A fala e o jeito espontâneos do contador parecem querer estar testemunhando que o que diz realmente aconteceu e não devemos duvidar. São entonações, gestos, aspectos fisionômicos que em conjunto formam uma linguagem argumentativa e atraente para quem se dispõe a ouvi-los (LIMA ARRAIS, 2011).

Mas, como “quem conta um conto aumenta um ponto”, adições e subtrações são marcantes nesse tipo de arte. E foi o que comprovamos quando ouvimos os contadores que colaboraram para esta pesquisa, seguidos do reconto.

Todos moradores da cidade, a maioria residindo na zona urbana, com a menor parte na zona rural, são em grande parte agricultores/agricultoras semialfabetizados: que sabem escrever os nomes e muito pouco ler e realizar cálculos simples. Outra parte, em menor quantidade, possui nível médio e superior, exercendo a profissão de professores da educação básica, tabelião ou ainda estão em formação. Observamos, através do contar, que são pessoas simples, porém com muito conhecimento de mundo e muita experiência acumulada. Alguns demonstraram necessidade de atenção, de ser ouvido, pelo prazer com que conversavam e transmitiam suas histórias.

Levantamos as seguintes histórias: *Histórias de botijas*, *Caipora*, *Vaca de bezerro novo*, *Corpo fechado*, *O jovem Sonhador*, *O peba descontrolado*, *O cavalo assombrado*, *O*

cachorro sorridente, O choro na mata, A caçadeirinha da mata, Fideralina Augusto Lima, O endemoniado, Fenômenos inexplicáveis no colégio Agrícola de Lavras, A passagem de Lampião por Lavras, Boqueirão de Lavras (Lenda e história), O filho mentiroso, O cemitério na Caixa d'água, O jovem e sua sina de morrer, A muriçoca e o peba, O Lobisomem, Cemitério antigo, Igreja de São Vicente Férrer, Alda Férrer Augusto Dutra, O beijo no trem, O menino expectador, As mil mentiras, Juiz reto, Floriano e Arranca, O médico, O menino e o burro, Tereza, A princesa Maria do Barro vermelho, A mulher e os cachorros, Pássaro de ouro, Peleja e O reino do vai não torna.

Dentre os contadores, selecionamos apenas um, para efeito de ilustração neste trabalho, em razão do ilimitado espaço de discussão. O senhor Raimundo Custódio Neto, também filho de Lavras, é conhecido por Mundoquinha. Esse contador nos recebeu com grande satisfação, presenteando-nos com uma das suas obras. Tal contador nasceu na zona rural de Lavras da Mangabeira, precisamente ao redor da serra do Boqueirão. Mundoquinha é conhecido na região por ser possuidor de um dom divino, o de criar poesias e repentes. Quando querem homenagear alguém, procuram o poeta para tal feito.

Ele nos contou *A Lenda do Boqueirão*. Essa narrativa centra-se no Boqueirão de Lavras, chapada entrecortada por um rio, onde se conta que uma linda moça, na companhia de um carneiro de ouro e uma galinha com pintos, apareceu para um morador que ficou encantado com tanta beleza. A moça lhe fez um pedido e este não foi cumprido. O homem ficou doente de tanto querer “desencantar” a moça. Fixou o pensamento nesse desejo e, de tanto procurar no local, pela moça, desapareceu. Dias depois, foi encontrado morto. Veja conto na íntegra, no anexo deste artigo.

5 O RECONTO EM SALA DE AULA

Após coleta e seleção do *corpus*, levamos as narrativas populares para sala de aula, por meio da aplicação de uma sequência didática que foi muito bem recebida pelos alunos. Esta sequência foi dividida em três módulos, o primeiro, intitulado de *Reavivando a memória*, serviu para estabelecer o contato inicial entre a pesquisadora e os alunos e teve como objetivo compreender a importância dos contos populares como elemento da cultura de uma comunidade, fazendo com que os alunos percebessem que os contos fazem parte do seu dia a dia. A partir daí, socializaram as histórias que ouviram. Foi um momento de entusiasmo e interação.

No segundo módulo, *Re/descobrimos os contos populares na cultura local*, foi o momento de os alunos conhecerem os contos selecionados que fizeram parte da pesquisa, bem como seus contadores, com o objetivo de compreender as narrativas populares como manifestações da cultura de um povo.

No terceiro e último módulo, *Como contaram o que ouviram*, foi o ponto chave da sequência, os alunos contaram o que escutaram, as mesmas histórias, mas em versões diferentes das ouvidas. A cada contar, as impressões pessoais eram acrescentadas às narrativas. No início da aula, relembramos as aulas anteriores, percebemos certo receio dos alunos em compartilhar as suas versões, mas fomos tranquilizando-os e ao mesmo tempo motivando-os. Fizemos um círculo na sala e o primeiro contador apareceu. E assim outros foram se disponibilizando a contar. A cada narrativa proferida, os colegas ouviam atentamente e aplaudiam ao final. No entanto, alguns alunos, por não conseguirem transpor a barreira da timidez, não conseguiram falar.

Ao término da atividade desenvolvida, parabenizamos a todos pelas excelentes histórias e recebemos depoimentos de que eles já tinham contado aquelas histórias em casa para os pais e que os pais haviam dito que já as conheciam e contaram outras. Conseguimos, assim, atingir o objetivo da sequência: os alunos, motivados,

compartilharam as histórias que já conheciam, ouviram as histórias da cultura local, recontaram-na e foram além: já as levaram para as suas casas, ou seja, pela boca desses jovens, as histórias se renovaram e serão transmitidas, certamente.

Percebemos com essa proposta que os alunos se sentiram parte da aula, com participação ativa, pois o conhecimento foi construído a partir da vivência. Por meio da mediação, os alunos conseguiram interagir uns com os outros e resignificaram conhecimentos; indo além do esperado, transmitindo o aprendizado da sala para além dela. Parafraçando Paulo Freire (1982, p.11), “o conhecimento de mundo dos alunos precede o conhecimento formal proposto pela escola”. Fazer emergir valores culturais e transformá-los em saber institucionalizado abre caminho para a aprendizagem significativa.

Certamente eles conseguiram captar o essencial de cada conto, mas, em versão bem resumida, realizaram o reconto. Como diz o ditado “quem conta um conto aumenta um ponto”, em cada nova história, houve acréscimos e subtrações da narrativa ouvida, novas invenções, novos fatos.

Ao analisarmos o conto e os textos do reconto, percebemos que, mesmo se tratando de histórias com a mesma temática, os enunciadores, por possuírem léxicos diversificados, ao recontarem as narrativas ouvidas e lidas, fazem uso de vocabulários próprios e, portanto, diferentes, o que corrobora com o pensamento da escritora Marina Colasanti (2009, p. 30), que diz “Mas um conto é apenas um conto, que eu conto, reconto e transformo em outro conto”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar em sala de aula as narrativas populares é algo dinâmico, prazeroso, que envolve todos os alunos, pois em algum momento de suas vidas, eles ouviram alguém contar uma história, já adormeceram imaginando fazer parte delas ou tiveram algum

pesadelo com outras. Há nessa estratégia a fantasia e o desenvolvimento da imaginação, algo que pode ser trabalhado sempre e, variados níveis: da Educação infantil ao Ensino superior.

Constatamos que, ao analisarmos o conto e os textos do reconto, percebemos que, mesmo se tratando de histórias com a mesma temática, os enunciadores, por possuírem léxicos diversificados, ao recontarem as narrativas ouvidas e lidas, fazem uso de vocabulários próprios e, portanto, diferentes. Foi assim que, ao conversarmos com os moradores e alunos da cidade de Lavras da Mangabeira-CE, pessoas de sexos diferentes, escolaridade e faixa etária diferenciadas, pudemos comprovar a dinamicidade da língua e a interferência de aspectos sociais no momento da fala de cada pessoa.

Outro ponto constatado foi que, ao dinamizarmos a metodologia em sala de aula, estamos proporcionando uma maior participação dos alunos, bem como um maior rendimento da aprendizagem. Estudar por meio das narrativas populares é envolvente, ainda mais como no caso da pesquisa que deu origem a este artigo, em que as narrativas são próprias do local de origem dos alunos.

Logo, qualquer assunto pode e deve ser trabalhado envolto dos contos populares, podendo ser desenvolvidos projetos com os mais diversos conteúdos da Língua portuguesa, bem como projetos interdisciplinares. Acreditamos que esta é uma das várias formas de valorizar nosso povo e a arte que deles emerge polida em conto popular.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho.- São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Aula de português:** encontro & interação. - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CALIXTO JÚNIOR, João Tavares. **Venda Grande d'Aurora.** Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

CASCUDO, Luís Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1984.

_____. **Literatura Oral Brasil**. 2.ed. São Paulo: Global, 2006.

COLASANTI, Marina. *Entre a espada e a rosa*. São Paulo: Livraria Melhoramentos, 2009.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

GOTLIB, Nádya Batella. **Teoria do conto**. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

LEAL, José Carlos. **A natureza do conto popular**. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LIMA ARRAIS, Maria Nazareth de. **O fazer semiótico do conto popular nordestino: intersubjetividade e inconsciente coletivo**. 2011.417 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2011.

LIMA, Francisco Assis de Sousa; Prefácio de Antônio Candido. **Conto popular e comunidade narrativa**. 2. ed. São Paulo/Recife: Terceira Margem/Massangana, 1984

LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura popular**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992. (Coleção Primeiros passos, 98)

MACEDO, Dimas. **Lavrenses Ilustres**. 3. ed., revista e corrigida. Fortaleza: RDS, 2012.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto: Emergência de uma prática oral**. São Paulo: Cortez, 2005.

ROCHA, Patrícia. **Poema: O contador de histórias**.

Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/banco/contador-de-historias>>. Acesso em 21/04/16 às 13:37.

SILVA, Luiz Antonio (org.). **A língua que falamos: português: história, variação e discurso**. – São Paulo: Globo, 2005.

SIMONSEN, M. **O conto popular**. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ANEXO - A lenda do Boqueirão

[...] Contam que quando o rio salgado ficava seco no período da estiagem, por dentro da serra, onde hoje existi o ponto turístico, a estrada que ligava Lavras aos sítios da redondeza ali, de Patos, Socorro, Pitombera, era por dentru do rio, na época do verão. E um sinhô passando por lá um belo dia - já se falava da princesa encantada - ele quando chegô de frenti da furna, que o pessoal hoje chama de caverna. Ele viu uma moça sentada fazendo grade com almunfada amarelinha, com os fios amarelinho, uma galinha com os pintos também dourado e um carneiro dourado pastando arredó. E ele quando passou, a moça perguntou se ele vinha pra Lavras e ele disse que vinha, e ela pediu que ele trouxesse quando voltasse de Lavras. O pidido que seria um pente, uma agulha, um tubo de linha e um espelho. Aí tinha o outro pidido que ela alertou que ele só podia levar se lembrasse de tudo, não levasse pela metadi, nem faltando um dos iteis, e ele nervoso, agitado veio pra cidade.

Quando chegou aqui se atrapalhou, não podia contar pra ninguém e quando voltou só levou o penti, o espelho, a linha e a agulha. O quinto pidido que ele nunca disse, porque nunca lembrou.

Ele foi chegando perto da moça, ela se, se mantia lá na mesma posição com a galinhazinha de pinto, com o carneirinho lá, e almunfada, quando ele ficô de frente dela, ela disse:

- Não vale, você não trouxe o que eu li pedi.

Ele disse:

- Mas eu trouxe. - Aí foi mostrando o que tinha levado.

Aí ela disse:

- Mas como é que você sabe que eu não trouxe.

Aí ele disse:

- Eu sei, você não trouxe, você esqueceu uma coisa do pidido.

E ele quis articular com ela, mas ela foi se afastando como um, um, uma suavi brisa, foi fugindo e ele foi ficando nervoso e achando que tava se perdendo, esquecendu das coisa e ele foi mudando o comportamento deli. Se assombrou e correu, chegô em casa ficou doenti.

E essa história rolou, por isso é que o povo contava como fossi um casu de verdadi, pois ele ficou doenti.

E aí pra reforçar a lenda da princesa encantada, Manel de Leôncio Fernandes, era um rapaz inteligente, que naquele hoje, ele tem um irmão doutor Mauro, é formado, é uma família de gente muito intiligenti, e Mauro, o Manoel de Leôncio disse:

- Eu vou desencantar a princesa, eu vou desencantar a princesa.

E ele vinha, toda semana ele ficava dizendo que tinha visto, que num tinha visto e tal e tal, e que perdia quando ela curria. E na passagem de uma pedra, de uma pedra pra outra, ela pulava e ele não se atrevia a pular, mas ele tava com esse, essa teimosia e todo mundo dizendo que era ilusão e que não fizesse isso.

Um belo dia ele veio e não voltô. Foi encontrado cincü dias depois, morto no pé da pedra, todo quebradu. Acreditava naquela época, que ele tentou pular, e por isso ficô forti a lenda do Boqueirão e foi se criando e falavam que de lá, da crista, eu tenho até um cordel.

É que fala de uma correnti de oro que tinha de dentro da fonte, subia e da crista da serra, do topo da serra, vinha pra igreja de São Vicente. Então, quando a gente vinha com minha vó e outros mininos com as avós, elas falavam que existia essa corrente de ouro, e a gente acreditava que existisse realmente, que o mistério na serra do Boqueirão existe, que a gente acredite e eu não duvido. Ninguém nunca entrô até o final da furna pra ver, aí ficou do Talhado, é do Boqueirão que vocês chama, que a gente chama de Talhado, porque é um corte na serra, daquele talhado pra Pitombeira.

Tem também que não é lenda isso, existe realmente a Peda do Baú, a Peda do Baú as pessoas dizem as pessoas de lá sabe onde é. Quando o rio tá com pouca água como agora, a pessoa consegue localizar a Peda do Baú. Nessa Peda do Baú, senhor Pêdo Sobeira, tii de meu pai, pescando com outras pessoas lá, de lan... de tarrafa, lá a gente costuma dizer:

- Vamu butá o talhado, vamu butá o talhado na peda, vamu descer no alpendi da peda do baú.

E ele entrou, mergulhô, e entrô.

Certamente a Peda tem uma fenda e algum lugar que sai fora d'água, ele se perdeu. Era uma noite de lua, ele se perdeu, mergulhou e ficou debaixo d'água, conseguiu debaixo da peda ele entrou, fez umas manobras lá mergulhando e chegou num canto que ele ficou com água na cintura debaxo da peda e conseguia respirar.

Certamente, naquele tempo o pessoal acreditava no mistério. Hoje a gente acha que era uma fenda, tinha um buraco em algum lugar que ele conseguia respirar, que ele respirava lá. Mas ele sabia que tava debaxo da pedra e num voltava pra superfície, e tudo

escuro como era uma noite de lua ..., e todo mundo já dando ele por morto, os outros pescador dando ele por morto, o cara mergulhou e não voltou. Deve ser que se enganchô, que aconteceu casos de pessoas que meteu a mão na loca, enganchô e morreu afogado, isso são casos que aconteceram. Mas no caso dele, ele tava respirando e tava lá pensando como era que voltava, que ele não sabia por onde era que tinha vindo e tudo era água escuro.

Aí a lua saiu, quando a lua saiu clariô a água, aí ele mergulhou pro claro, onde a água tava mais clara, que era o reflexo da lua. Bom, contavam isso, como fosse verdade.

Entra hoje na lista das lendas, mas é possível que tenha acontecido com Pedo Sobeira, que na época todo mundo contava.

Então do Buqueirão é mais ou meno isso que a gente sabe de lenda da princesa e da lenda da Peda do Baú, que o povo pensa que é lenda, mas a Peda do Baú tá lá.

-- Entendeu? Pois é.

Raimundo Custódio Neto, 50 anos, Lavras da Mangabeira, 2016.